



PHOT. ALLIANCE  
BRAGA

A menina Deolinda Carmen, com 27 mezes, sobrinha do nosso distincto collaborador artistico Snr. Felix Cruz

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informaçao graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000  
Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.  
Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador  
acresce o importe das despesas  
Estrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

OFFICINAS

—DE—

*Escultura e Pintura*

—DE—

*Teixeira Fanzeres*

Garante-se perfeição em todos os serviços

*Preços sem competencia*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

**Livraria e Papelaria**  
**CRUZ & COMP.<sup>A</sup> (Editores)**

121, Rua Nova de Sousa, 133--BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1883

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

**BANCO POPULAR PORTUGUEZ**

SEDE NO PORTO

**46—Rua do Loureiro—48**

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.<sup>a</sup>

**ABRE BREVEMENTE**

Paramentaria, Sirgaria e  
Artigos militares

—DE—

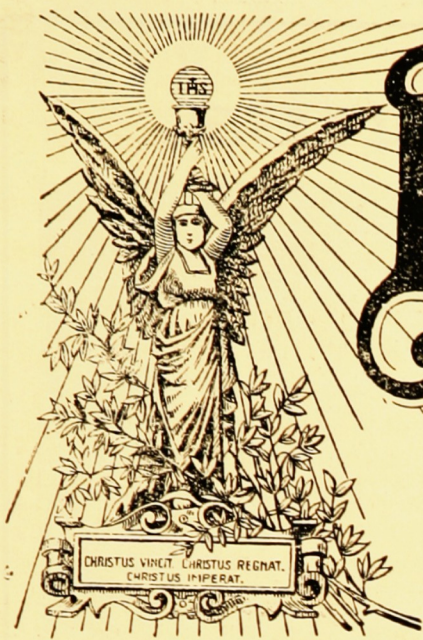
**RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA**

99, Rua do Souto, 101

**MISSAES**

BRAGA

**BREVIARIOS**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

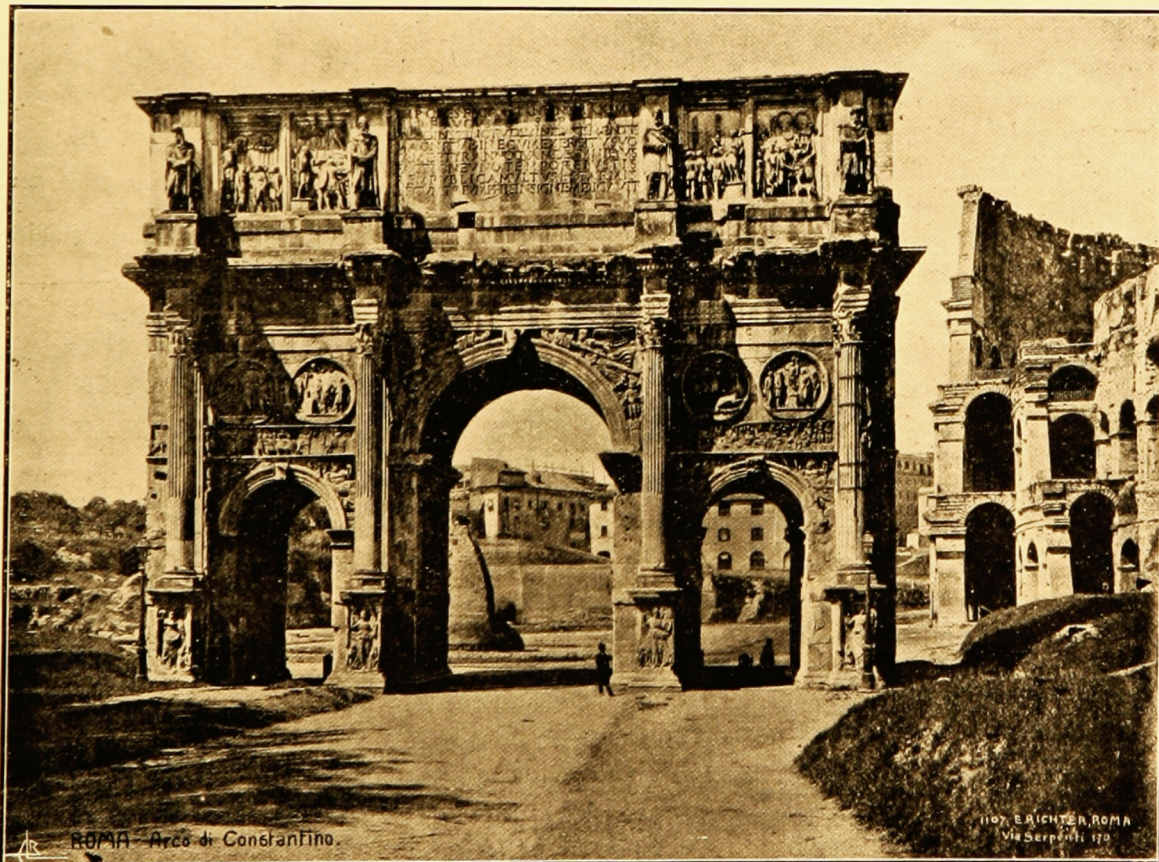
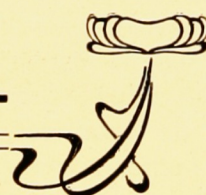
Braga, 9 de Junho de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 206—Anno IV



## Roma



ROMA—Arco de Constantino.

1107, ERICHTER, ROMA  
Via Serravalle 170

## Arco de Constantino

Vid. Palestras de arte christã



# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Dois livros

Ainda mal dissipado o fumo levíssimo do seu cigarro d'epicurista, e já um novo perfume, uma nova claridade, abraça e enche o meu serão d'esquecido. Nas sombras do velho casarão, n'esta hora religiosa da noite, dançam macabras, n'uma poalha tenue de visão e perfume, esses bizarros fantoches, esses extranhos manequins, que somos todos nós—bonecos sublimes e embrincados do mesmo tragico folhelho, porque no homem como no boneco, atravez das garridices e dos perfumes, das rendas e dos trapos, dos sorrisos e das commoções, lá está o mesmo balofo coração. A missão do homem é revesti-lo de sonho — escondê-lo; a tarefa amarga do chronista, debruçado para as almas e para a vida, descendo ao coração e ás ruas, foi rasgar esse veu futil de convenção, esboroar esse sonho, despir essa edoravel mentira.

O livro d'Augusto de Castro é talvez cruel porque revelou esse folhelho, mas é admiravel porque o soube dignificar e esclarecer.

O contemplador fetichista da *Religião do Sol* viu a natureza atravez da sua alma mas olhou a vida atravez do seu sorriso. O seu tacto subtil de dramathurgo levou o ao mais recondito das almas, ao mais secreto das paixões e remechendo-as n'uma perversidade galante, n'um cynismo leve de *blague*, moldou esses extranhos Fantoches e Manequins, atou-os n'um sorriso como um braçado de flôres, ligou-os n'uma lagrima como um molho de saudades, e deixou-os correr, com todas as suas grandezas e as suas miserias, na facha movediça e palpitante, d'um bizarro e humanissimo *film*.

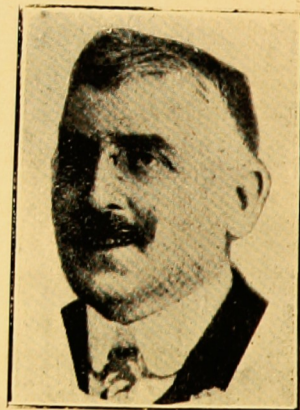
Ninguem melhor do que esse chronista requintado e subtil, soube remecher a alma das mulheres, ninguem melhor as entendeu na onda leve dos seus caprichos e das suas suas ambições, ninguem com mais delicadeza, as fez vergar nas suas frivolas exigencias, as teve ajoelhadas, amarrotadas, em toda a sua verdade, em toda a sua grandeza, como extranhos manequins rodopiando felizes á mercê da sua phantasia e do seu sorriso. E então a sua prosa enche-se de magestade, de visão, de plasticidade, de côr, como uma tela admiravel de *Gainsboroughs*, o pintor apaixonado das *Ladies*.

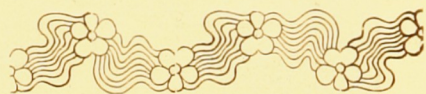
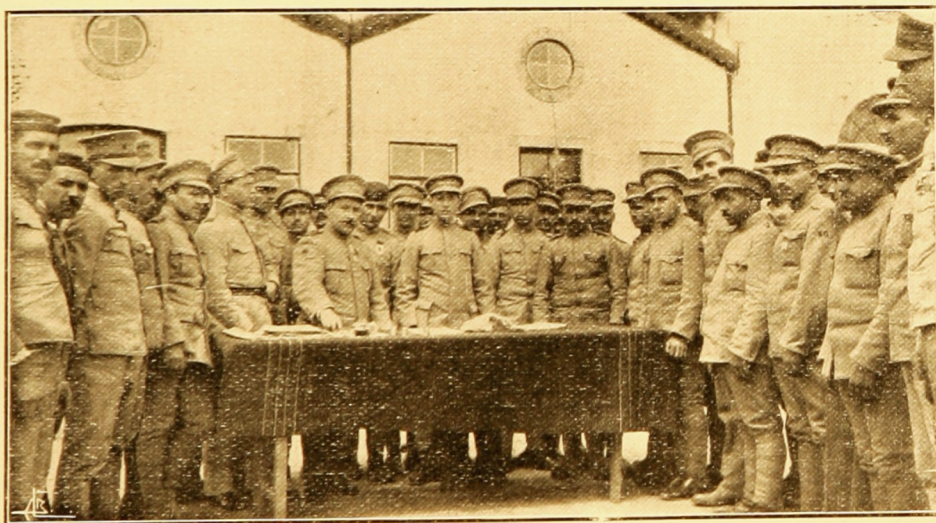
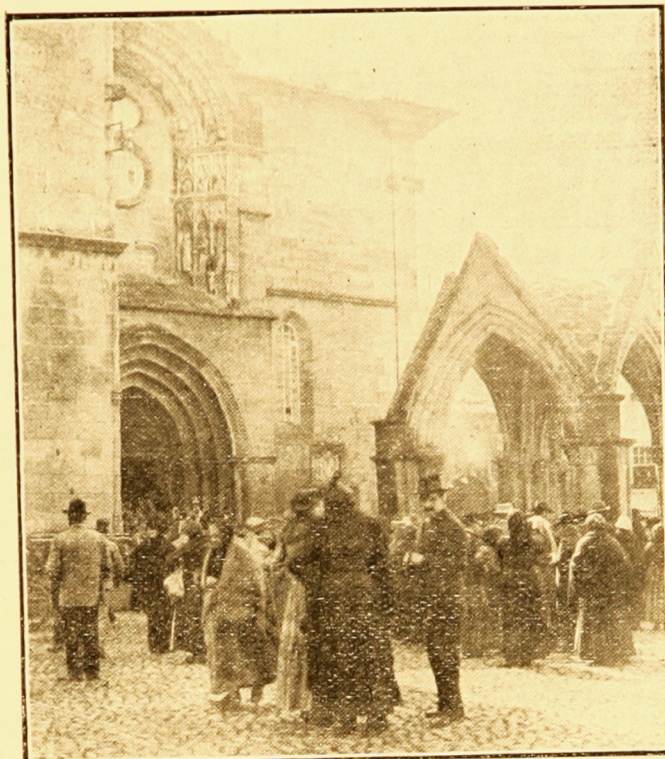
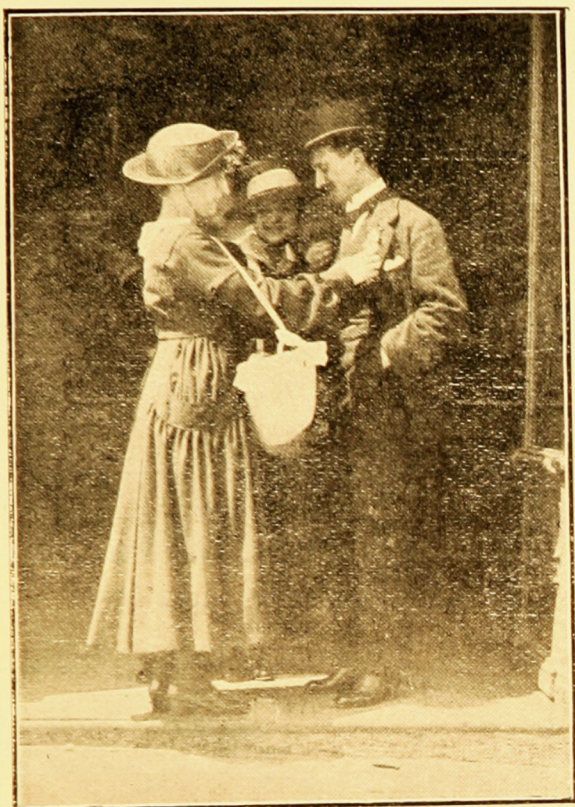
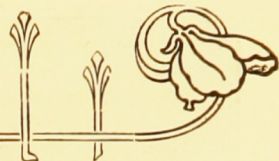
Augusto de Castro, o dramaturgo illustre do *Amor á Antiga*, do *Chá das Cinco*, das *Nossas Amantes* é hoje o primeiro chronista portuguez. O seu livro admiravel é a scintillante fulguração do seu grande talento.

\*

Depois do cantor goliardo e ardente do fogo, o cultor apaixonado das cinzas. A obra de Augusto de Castro é o presente esfusiando entre sorrisos, como o recente livro d'Eduardo Noronha é o passado reverberando entre saudades. Este escriptor illustre com uma obra vastissima, onde sempre ha talento e honestidade, acaba de publicar mais um livro, prova irrefutavel d'uma vasta erudição de critico e d'uma admiravel probidade d'escriptor. São recordações do passado, o theatro visto por dentro, nos seus bastidores de saudade, nas suas gambiarras de romance, nos seus cordellinhos de grotesco.— peças e actores, dramaturgos e criticos, prescrutados até ao intimo das suas grandezas e das suas inferioridades, as suas glorias, as suas anedotas relembradas e esclarecidas. Causa admiração a extraordinaria fecundidade d'este polygrapho illustre e a gente pergunta intrigada n'um espanto d'admiração, como terá tempo para escrever, este homem que apparece em toda a parte, a lapella eternamente florida, nos labios o eterno sorriso satisfeito, que não falta a uma *première*, que não perde uma *blague* na Havaneza, que escreve diariamente em dois ou tres jornaes, que apparece sempre na collaboração litteraria de todas as revistas e que ainda tem—Deus poderoso!—o espaço necessario para escrever com talento e probidade, obras do valor indiscutivel das suas «Recordações de theatro.»

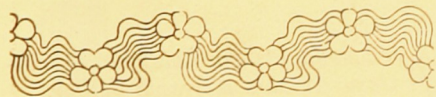
Assim, não sei francamente se mais deva admirar o grande economizador do tempo, se o admiravel e magnanimo dissipador do talento tão brilhantemente espalhado na sua magnifica obra d'escriptor.



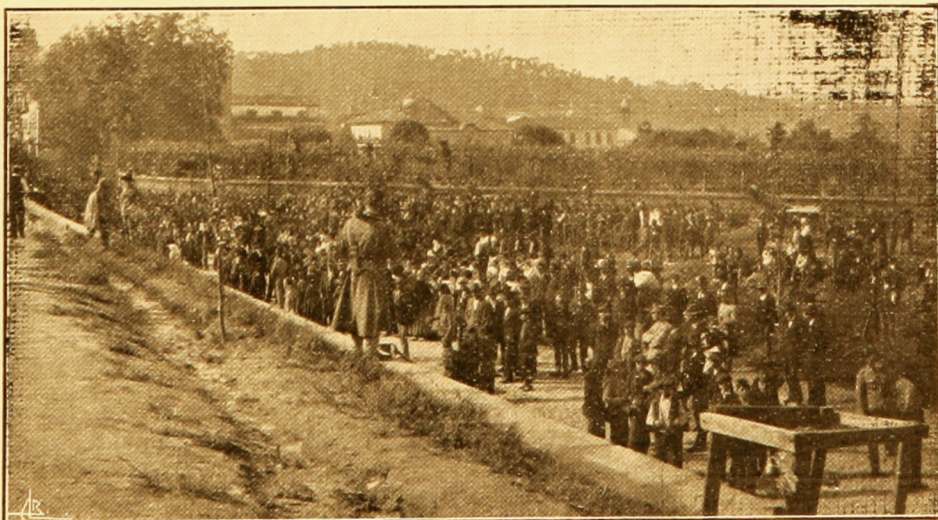
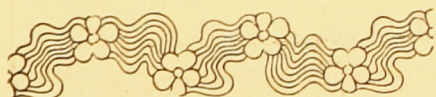


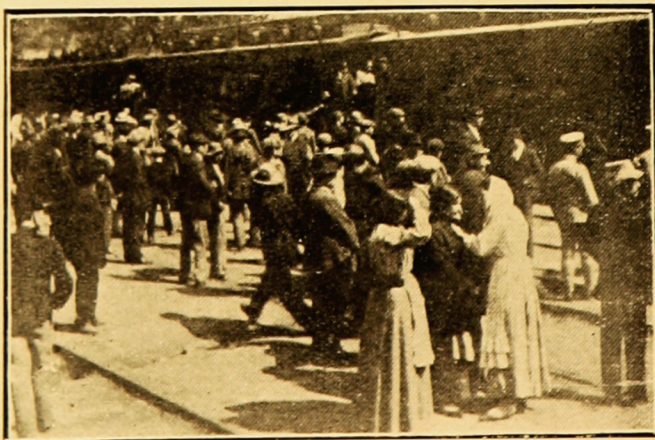
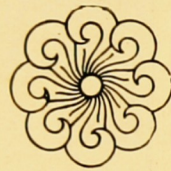
## GUIMARÃES

1—VENDA DA FLOR—A Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>ª</sup> D. Maria Antonia Martins Fernandes e D. Maria da Madre de Deus Pereira Menaes, collocando uma flôr ao Snr. Abel d'Oliveira Bastos.



- 2—O publico sahindo da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, após a missa pelas tropas portuguezas.
- 3—Na vespera da partida. O pagamento do "pré".
- 4—O povo aguardando a sahida das tropas junto ao quartel do 20, que partiram para França.





1—GUIMARÃES O commandante do batalhão expedicionario, snr. major José Antonio d'Araujo Junior.

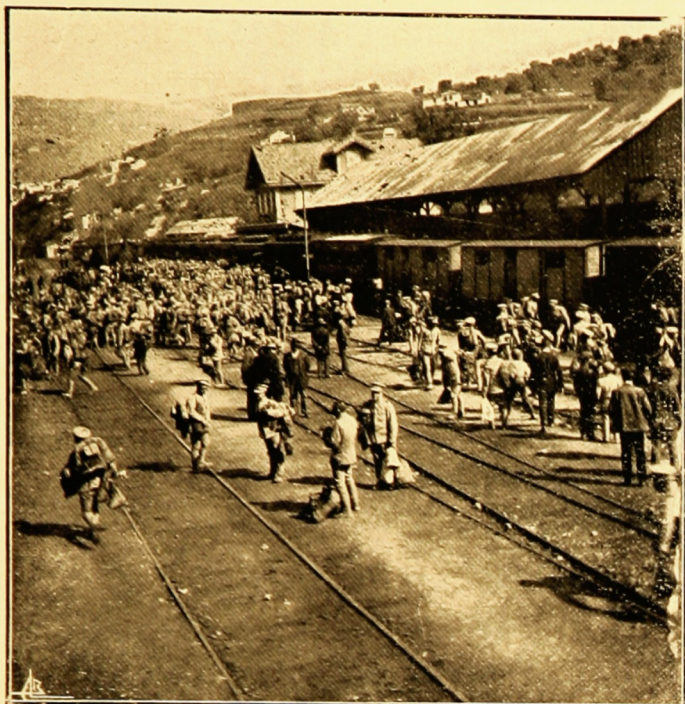
2 - A chegada do batalhão expedicionario à Estação do Caminho de Ferro.

3—A partida do comboio. (Phot. T. Mendes).

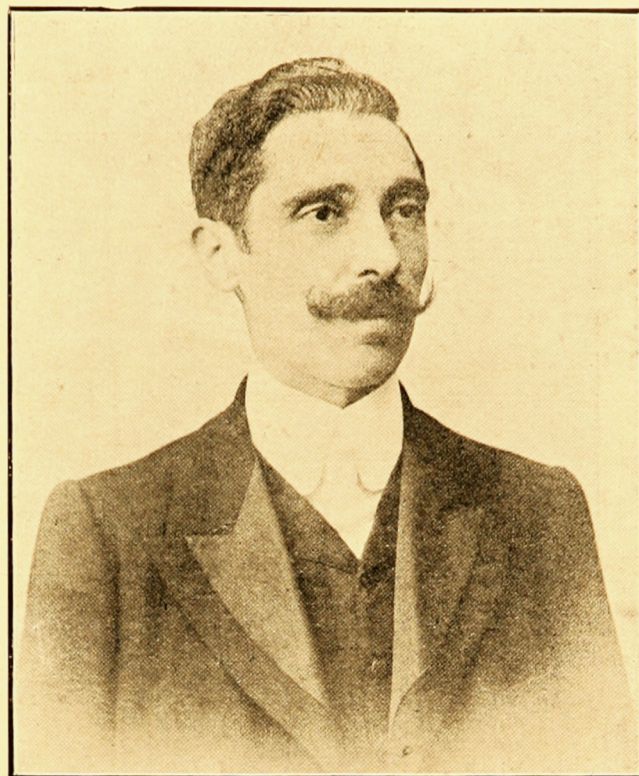
4—PEDRAS SALGADAS—A passagem d'um comboio especial que transportou parte do batalhão de infantaria 19.

(Phot. M. Monteiro).

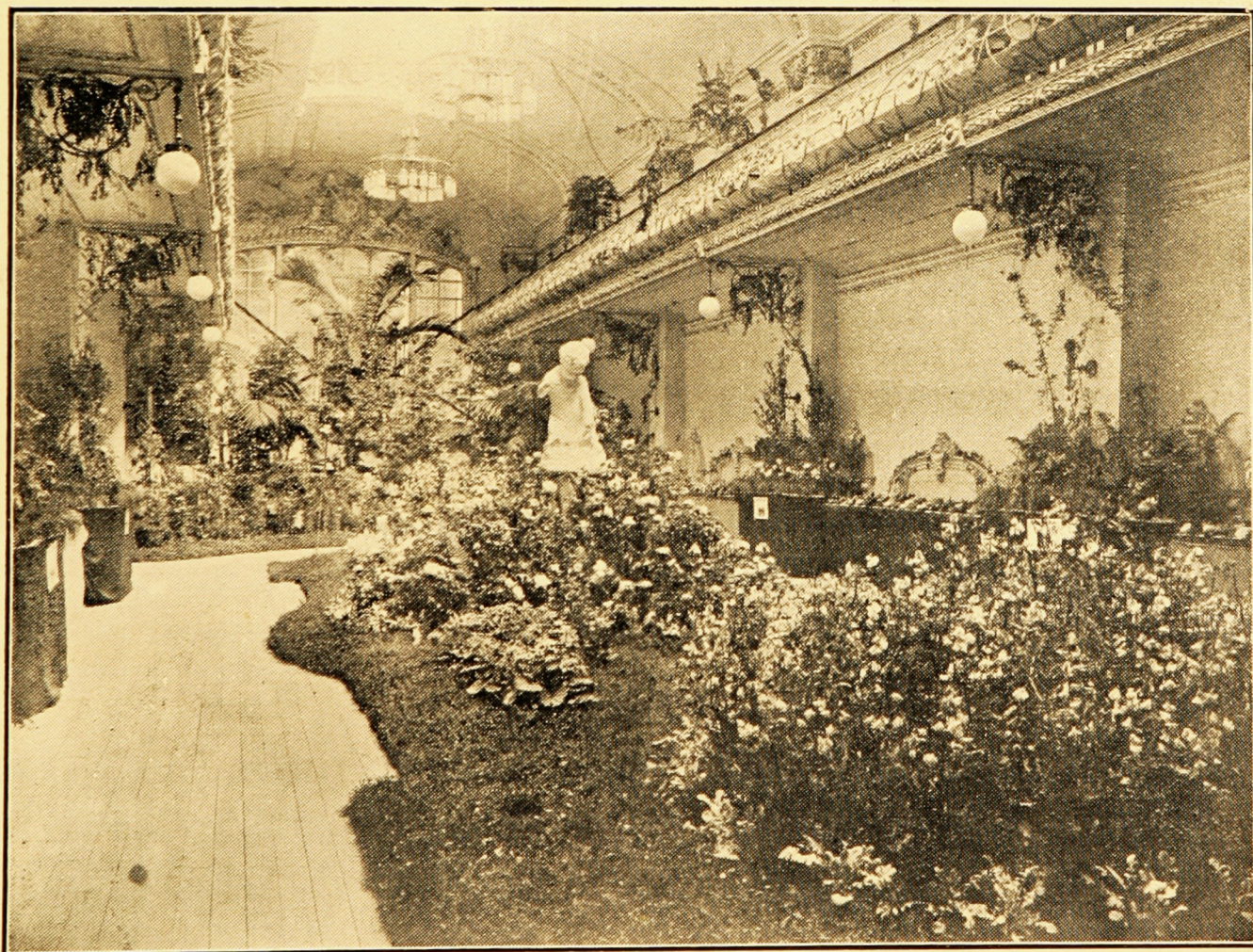
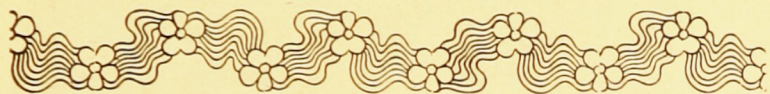
5—REGUA—A partida de infantaria 19.



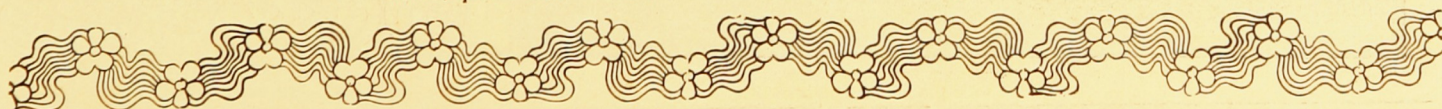
REGUA—A passagem de infantaria 19

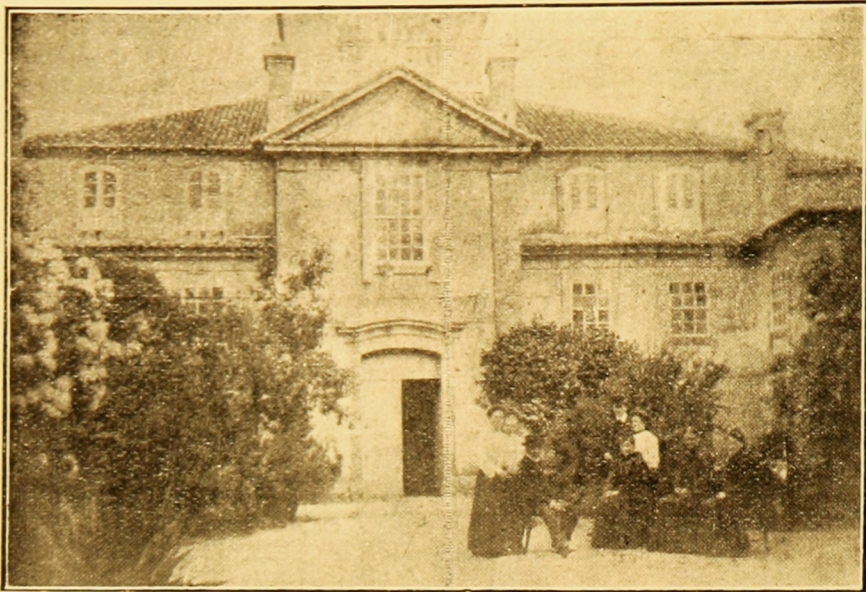


O Snr. Dr. José Manuel Cardoso, natural da freguezia de Arnoia, concelho de Celorico de Basto, socio honorario e primeiro auxiliador da fundação da Associação de Beneficencia Celoricense, administradora do Azylo de Desvalidos, distinto e notavel advogado e conservador do Registo Predial.



PORTO—Exposição de rosas no salão de festas no Jardim de Passos Manuel, realizada nos dias 23 a 27 de Maio findo, pelo snr. Jacintho de Mattos, horticullor portuense





## Na casa de Sá

### Uma Primeira Communhão

Ha dias na capella do Solar de Sá, em Santa Eulalia de Barrosas, o Padre Silva Gonçalves ministrou a Primeira Communhão á filhinha mais velha dos Exc.<sup>mos</sup> Senhores Anthero Pacheco da Silva Moreira e D Candida Moreira de Sá e Mello.

A neocommungante é a mais saliente da trindade esbelta, que hoje illustra esta pagina; é o delicioso encanto do lar do nosso bom amigo snr. Anthero Moreira.

A' casa de Sá estão vinculadas tradições honrosas, nobilitantes.

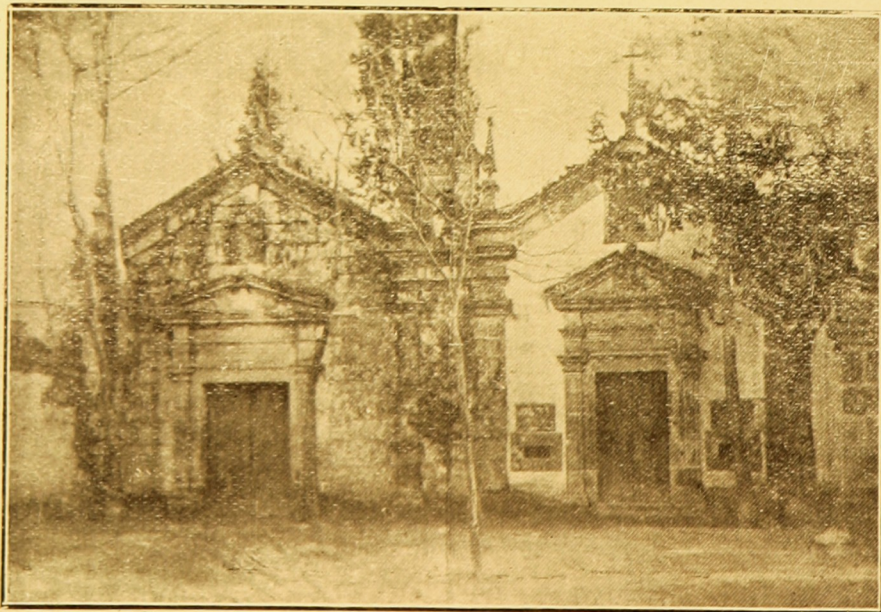
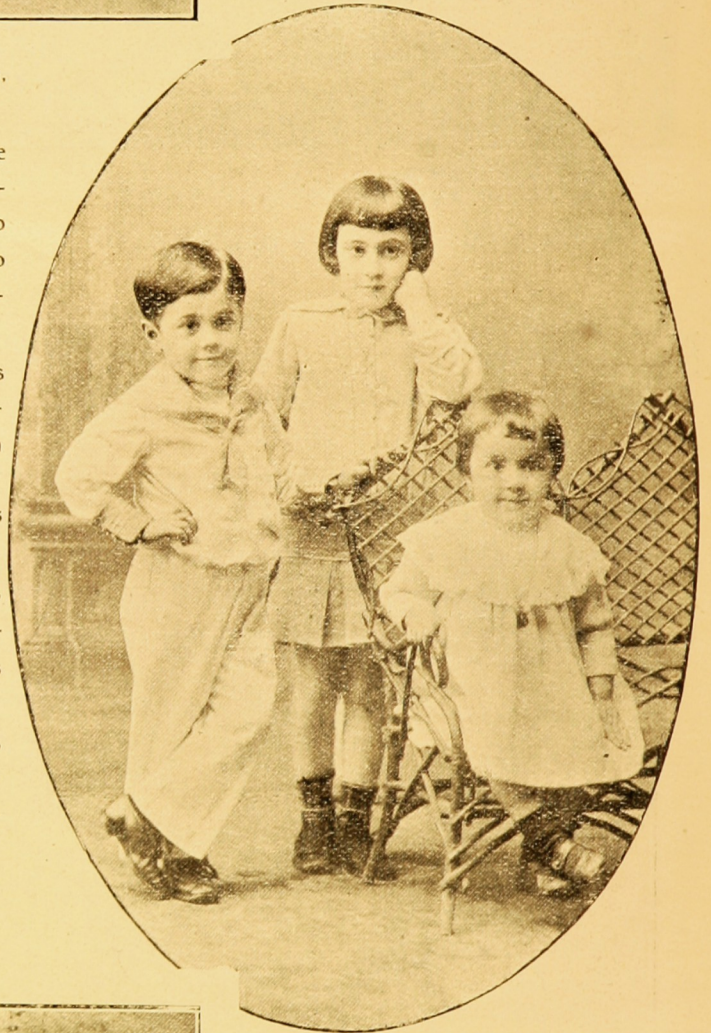
O seu actual proprietario snr. Miguel Moreira de Sá e Mello é filho da celebrada auctora dos «Murmurios de Vizella», D. Anna Amalia de Sá, poetisa de muito merecimento, que illustrou seu nome em um memoravel torneio poetico em que entrou Gomes de Amorim e outros e que o nosso Camillo Castello Branco celebrizou no Cancioneiro alegre.

A casa de Sá nas suas linhas severas, nos seus porticos mesmo, — ao lado a capella antiga, onde se conserva ainda hoje, com a maior devoção, o S. S. Sacramento e onde ha missa em todos os domingos e dias santificados, e muitas vezes á semana, — a casa de Sá, no seu aspecto venerando, recorda-nos o passado prestigioso dos seus moradores.

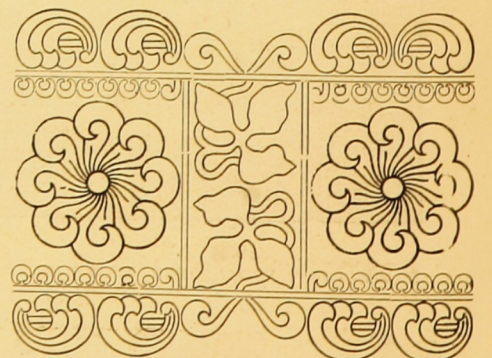
A' poetisa D. Anna de Sá consagrou o snr. Alberto Pimentel desassete paginas do seu livro *Figuras humanas*, tracejando allí o luminoso perfil da illustre senhora e de alguns seus maiores, notaveis nas lettras, nas armas e na politica.

No solar de Sá existem interessantes documentos, pelos quaes se vê que muitos vultos da familia Sá e Mello excederam muito a craveira commum e tiveram preponderancia pelo talento e por seus empreendimentos.

O pae da poetisa do Vizella, Miguel Antonio Moreira de Sá, foi emigrado politico, regressando a Portugal em 1854. Tinha estado preso no Castello de Guimarães.



Foi escriptor, poeta, jornalista. Sente-se a gente bem na casa de Sá. Evocando o passado, no convivio gratissimo d'aquella familia, dulcificam-se as amarguras do presente e ganham-se energias para a lucta.



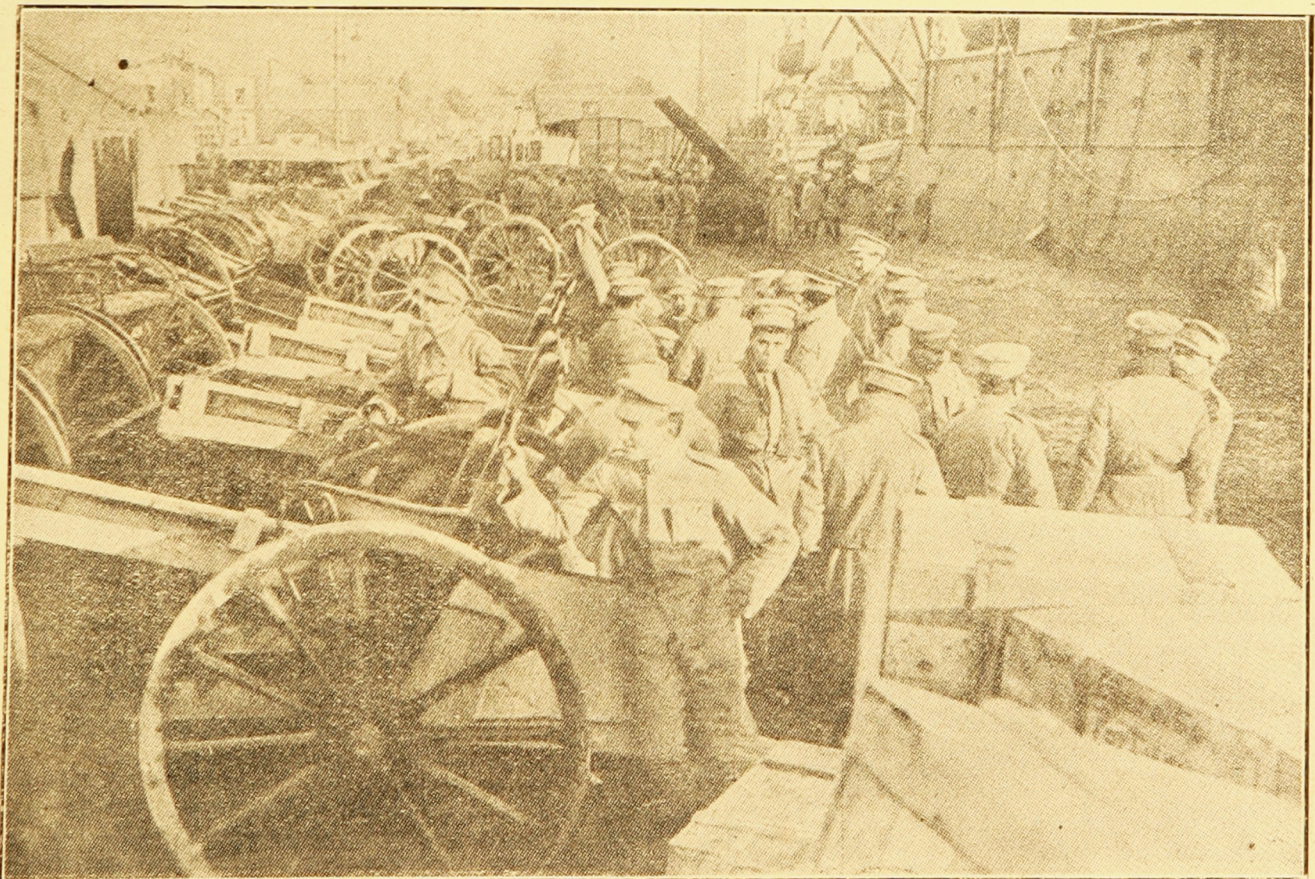




# SOLDADOS PORTUGUEZES EM FRANÇA



*Um contingente de infantaria portuguesa dirigindo se à estação do caminho de ferro de Brest, depois do desembarque*



*Desembarque em Brest d'um contingente de artilharia e canhões de 75 mm.*

# Guerra Europeia

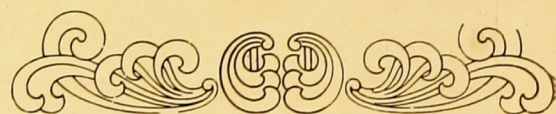
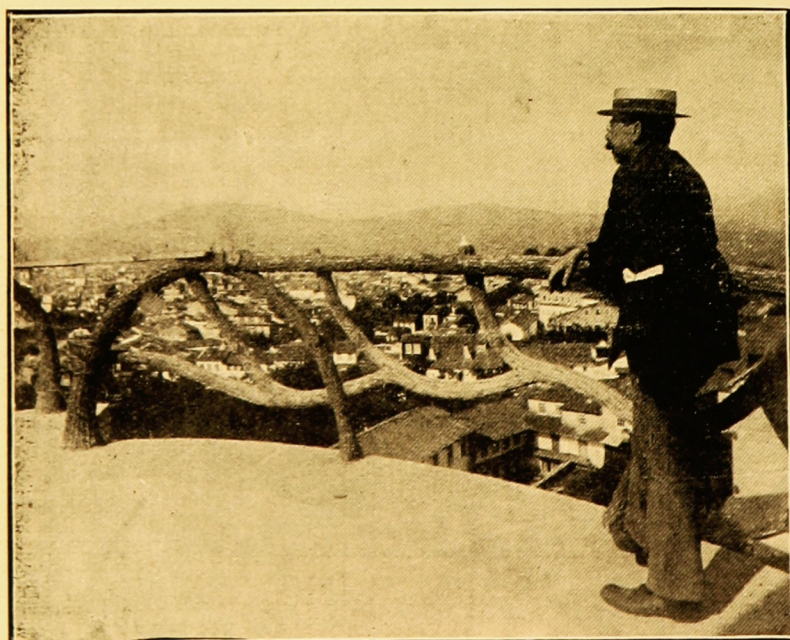
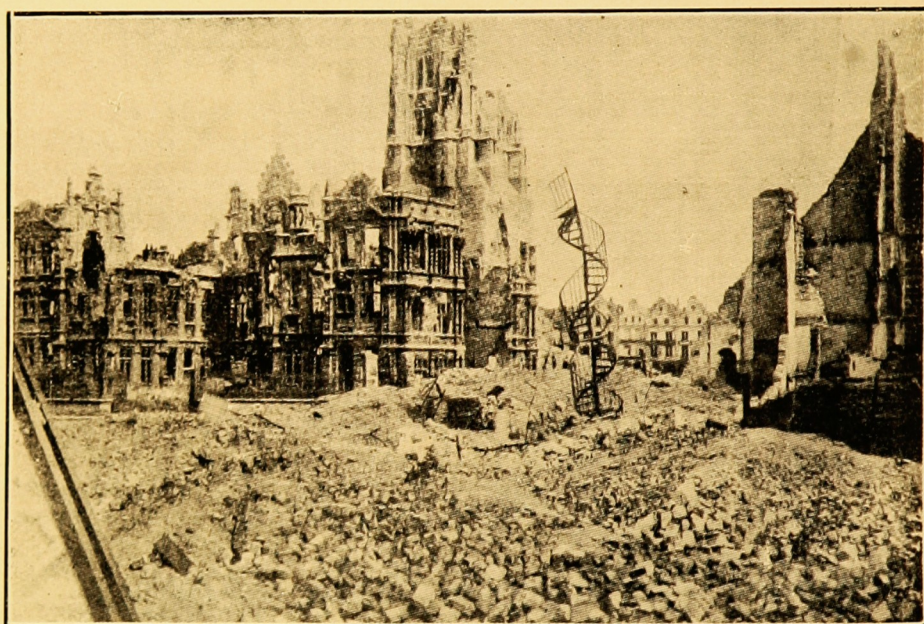


*Manifestação entusiástica do público de Paris, feita ao embaixador dos Estados Unidos, Sharp, no dia da sua visita ao Hotel de Ville*



## APOZ A BATALHA DE ARRAS

*As ruínas do Hotel de Ville, em Arras, preciosa joia de architectura, admirada por todo o mundo*



## BRAGA

*A cidade vista da estatua do Coração de Jesus*

(Phot. José Carlos.)



# PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

## XXI—Architectura (technica)

**S**OLIDEZ, conveniencia e expressão são os tres escopos da architectura. O estudo das formas constructivas sob o ponto de vista da solidez, pertence aos engenheiros. O estudioso da arte s3o os attende emquanto se relacionãem com os outros dois fins. A forma externa, a disposiçãõ interna do edificio, deve, como dissemos adaptar-se à sua natureza, deve ser *conveniente* ao seu destino. O aspecto do edificio deve já *exprimir* de algum modo o seu fim. Para isso ajuda a escolha acertada de estilo, o uso dos ornamentos e sobretudo o predominio das linhas architectonicas. O predominio da linha recta dá um ar de rigidez, severidade e calma ao edificio, a linha curva anima-o, dá lhe uma tal qual exuberancia de vida. A introducçãõ da linha vertical, a sua preponderancia, virã dar aos templos gothicos uma delicadeza e elevaçãõ, que os tornarã quasi espirituaes.

Não menor importancia teem os jogos de luz, quer no interior, quer nas linhas externas. Os claros e escuros produzidos pelas columnatas e arcadas, as estrias das fustes, os ornatos dos capiteis, frisos e tympanos, são outros tantos elementos que introduzem a variedade dos contrastes nas fachadas dos edificios greco-romanos.

Para completar as ligeiras noções da technica architectural classica falta nos percorrer brevemente o modo como eram feitos os muros. O estudo do *apparelho*, (como lhe chamam os technicos) 3e importante para o conhecimento da idade do edificio. Deixando de parte as construcções cyclicas e etruscas, vejamos s3o mente no que influiram directamente na arte edil christã.

A mais antiga da serie 3e o *opus quadratum*. O muro ou parede 3e feita de grandes parallepipedos de pedra, dispostos em camadas horisontaes, alter-

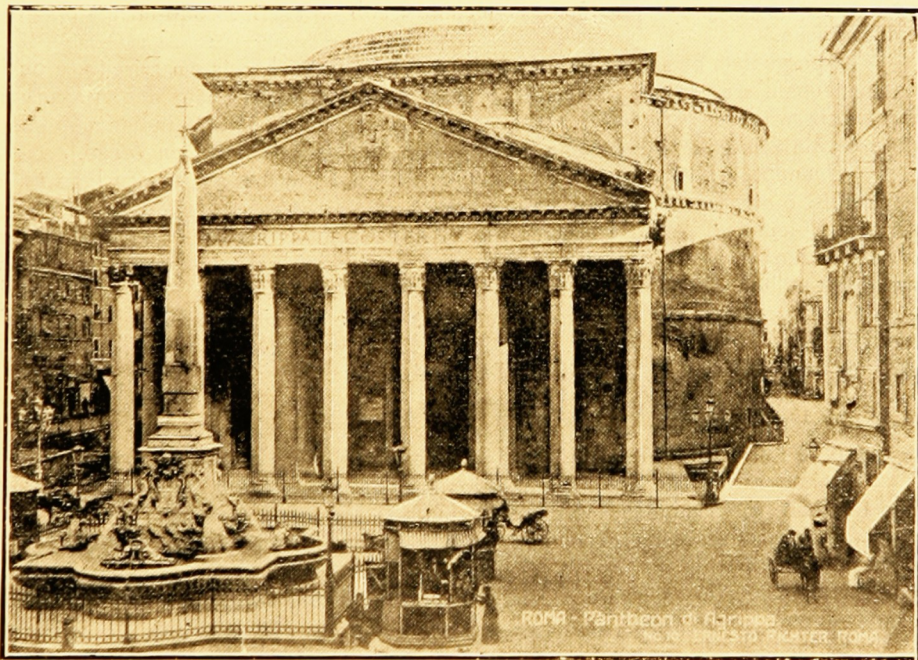
nando-os no modo de collocaçãõ, isto 3e, dispondo-os alternadamente uns no sentido do comprimento outros no da largura, e unindo-os com ganchos metallicos. E' a mais solida de todas, a usada ainda no tempo de Trajano, s3obretudo em edificios publicos.

O *opus reticulatum* 3e formaçãõ com pedaços de tufo ou pedra de forma pyramidal com base romboidal, dispostos de modo que apresentem o aspecto d'uma r3ede.

Ella constitue o revestimento externo ou cortina d'um muro 3oco, que 3e enchido d'uma mistura de cascalho e argamassa chamada *emplecton*. Este systema ainda era usado no IV seculo do Christianismo.

*Opus latericium*. O material empregado são os tijolos, ou quadrados ou triangulares, cimentados com argamassa. Foi muito usado este aparelho ou s3o ou conjunctamente com os anteriores, d'onde o nome de *opus mixtum*.

Tambem nas abobados os romanos empregaram tijolos encavados com o fim de diminuir as suas pressões. Construidos os arcos fundamentaes com pedra enchiam os



Roma—Pantheon de Agrippa

vãos com tijolos. Outras vezes collocavam por cima do revestimento de tijolo uma camada de emplecton, que embora desse mais solidez á massa, tirava a elasticidade dos arcos. Por isso é que algumas abobadas assim construídas abateram inteiras, como verdadeiros blocos de conglomerado, o que se pode ver ainda hoje nas ruínas das Thermas de Caracalla e na basilica Constantiniana cujas ruínas adornam o fóro romano.

AGNUS.

## CHRONICA DA SEMANA

### O bacharel



A dias, Joaquim Leitão, que é hoje o nosso primeiro chronista político, abria a sua secção na *Liberdade* citando um amigo que tinha para elle a suprêma virtude de não exercer a advocacia, sendo bacharel em direito. Mais adiante, referia-se ao "crime do bacharelismo...", accentuando mais a sua aversão ás cartas de formatura jurídica que lhe lembram, marcas de cotilhão.

Joaquim Leitão não é o unico para quem o bacharel é apenas o *bicho bacharel*. Desde que o Eça se apresentou portuguez e *bacharel como toda a gente*, e a sua geração buscou n'elle uma victima que concretisasse o mal analysado por ella no corpo nacional—não tem havido escriptor que não frêche com ironias mais ou menos condimentadas, não procurem ridicularisar com maior ou menor exagêro, o pobre do bacharel em Direito! Elle atravessa o enredado trama das novellas, umas vezes aperalvilhado e delambido, mostrado pela mamã como a millionésima reincarnação do *menino prodigio*, outros sarapintado de político, declamando tollices, de litteratiço com manias criticas, de parvo enchendo de pêtas de grosso calibre (*no meu tempo de Coimbra...*) os pacatos serões provincianos, sob os sorrisos não menos aprouvados das meninas casadoiras conferrêneas.

E perguntem os senhores por ahi, o que são os bachareis em Direito, e ouvirão o mercieiro a bradar:—uns pedaços d'asno: o pae de familia:—umas sanguessugas; os paes das meninas ricas:—uns vadios; o jornalista:—a praga d'este paiz, todos precisamente com a mesma sincera indignação com que Joaquim Leitão invocando a escála zoologica o denomina jupitériana e fulminadoramente *um bicho*...

Quando eu li o anáthema de Joaquim Leitão, tinha tambem a meu lado as cartas de formatura, desempoeiradas, e arrancadas no seu longo repouso de seis annos no fundo d'uma estante, para me servirem de passaporte diplomático para (ia a dizer para o outro mundo) para a França, perante o Quartel General da minha divisão. Joaquim Leitão sem cartas de bacharel ao lado de um bacharel com cartas fica assim egualado, na mesma fileira militar. Vê-se d'aqui que o *bicho*, com licença dos seus algozes, não é um zêro á esquerda da pátria... Muito pelo contrário. O bacharel até em Direito vae sêr mobilisado em massa, n'uma proporção enorme. Os que não são felizmente a *praga*, esses ficam. Não são *bichos*: é justo! Matam-se os *bichos* e revolve-se a crise da superabundancia de bachareis em Portugal...

O remedio é prompto e efficacissimo!

Sómente é preciso averiguar antes de o aplicar, se o bacharel em Direito é melhor ou peor do que aquelle que o não é. O bacharel é tão bom como este, ao seu paiz.

Pois qual o crime dos bacharelados em Direito? Os seus inimigos só apontam um e esse precisamente... não tem nada de criminoso:—o de serem muitos. Mas repare-se nas ondas de médicos que annualmente as Faculdades respectivas estão expellindo. Repare-se na alluvião de professores que singularmente vae agravar a penuria proverbial do magisterio, e não sei se fazer decrescer ainda mais o alphabetismo na população portugueza. Repare-se da caterva dos políticos, em que a medecina e o professorado tomáram um logar de maioria esmagadora e intolerante!

O bacharelato, juridico governou este paiz, não ha dũvida. Mas attenda-se a que forneceu os unicos estadistas que tivêmos e que, a paz de muitos erros, fizeram o Portugal Contemporâneo. Atacar o bacharelato é negar a moderna civilisação nacional. Os males d'elle não são maiores, e porventura serão até muito menores que o das outras classes. E vejam bem os seus censores que na defecção geral dos caractêres lusitanos, na hora da hecatombe e da corrupção, só duas classes mantivêram a sua independencia e defendêram o seu tradicional conservadorismo: o clero e a magistratura! E vejam bem os seus accusadores—aquelles que, com Joaquim Leitão, julgam suprêma virtude ao bacharel o não exercicio da advocacia—vejam que n'esta sociedade em que as classes médias são parasitária e como faes mereciam um capitulo especial no livro notavel de Deherme, só uma pelo menos o não é apesar de tudo, a advocacia.

Vogüé chamava aos parlamentares, a ordem mendicante do seculo 20. Pois a advocacia é no geral, a ordem mendicante do Portugal hodierno. Ha excepções, bem o sei. A mercantilisação dos mestêres livres, está a contanimál a. O videirismo nota-se em alguns dos seus membros. Menos porém, que em outra classe, confêse-se; e seria até uma grande obra aquella que rehabilitasse o advogado portuguez, varrendo do seu gremio os corruptos da toga, os traficantes do fóro, e reerguêsse as bellas figuras dos nossos grandes causídicos.

E' preciso no emtanto que se diga que o advogado honesto e trabalhador não troca de bom grado a sua independencia de opinião pela riqueza adquirida em travessias tortuosas.

Sou bacharel como toda a gente, dizia o Eça, Pois bem me está parecendo que o bacharelato e sobretudo a advocacia se vão destacando do resto, até se poder dizer que se é bacharel e advogado como poucos...

Antes assim!

F. V.

## O canto do prisioneiro

### O Trovador

(Poesia encontrada nos papéis d'um Poeta, morto ha annos. Presentiu que a Morte lhe viria antes que a ventura — essa *Aurora que foge...* E foi propheta.)

Em gaiola dourada, sumptuosa,  
d'uma janella pendente,  
a voz soltava alegre, melodiosa,  
(alegre... parecia! Lastimosa  
eu logrei perceber-a e descontente)  
um rouxinol, que a saltar  
passava o tempo e a cantar.

Estudei diligente essa *linguagem*  
e traduzir pude emfim  
uma trova dolente, pela aragem  
trazida a meus ouvidos, na passagem.  
A sua historia então narrava assim,  
n'um phraseado nervoso,  
nostalgico e doloroso:

«Era tão belle o ninho em que nasci!  
Eu contava em cada irmão  
um companheiro amado que perdi.  
Comecei a voar, subi, desci,  
até que vim parar a esta prisão.  
Inda ouvi gritar meus paes,  
mas fugir não pude mais.

Agora veem-me ouvir, sou admirado  
e do frio ou da humidade  
defende-me de noite um cortinado  
por delicadas mãos todo bordado;  
mas... falta me o arvoredo e a liberdade!»

A cabecita escondeu  
e, cançado, adormeceu.

Por  
*Elvira Neves Pereira.*

### A Papoula vaidosa

Por *G. Acciaioli.*

«Brilhe em minha noite escura  
Todo o mel do Teu olhar,  
Teu coração de doçura,  
—'Strélla do Mar,  
Virgem pura!

Tal uma sombra da Lenda,  
Ella estende, vida em fóra,  
Treva e gelo e susto—horrenda!  
Sem aurora,  
Morte ou senda!

Vou, ceguinho. Levo a lyra  
—Companheira na viagem  
P'ra o Ideal...—a mentira;  
Dá-lhe a aragem  
E suspira...

Ventura? Sou triste... Não!  
Só vol-a peço. Senhora,  
P'ra quem... em meu coração  
E' aurora...  
E cerração!

A *Ella*—um futuro risonho,  
Que se espraie, longo e lindo,  
Alem do mundo medonho:  
Mar abrindo  
A' luz do Sonho!

A mim, a esta noite escura  
—Todo o mel do Teu olhar,  
Teu coração de doçura,  
'Strélla do Mar,  
Virgem pura!

.....

A Noite afunda-se ainda.  
Quando chegue (tarde...!) o alvôr...  
—Já será na Patria infinda,  
O Trovador,  
Virgem linda!»

Paredes de Coura.

*Teixeira Pinto.*

No meio das outras flôres,  
Estavas toda vaidosa  
E com desdem tu dizias  
«Minha côr é mais formosa.»

«Meus vestidos são de seda,  
Lindas são as suas côres,  
Sou a mais rica e vistosa  
De todas as outras flôres!»

Ai que linda que tu eras  
No jardim a balouçar,  
A tua côr purpurina  
Attrahia logo olhar.

.....

Houve então mão roubadora  
Que do jardim te colheu,  
Adeus, disseste á ventura,  
E o gozo p'ra ti morreu!

D'ametysta te cobriste  
A carpir a tua sorte  
Mas do jardim que deixaste  
Ninguem chorou tua morte!

E' esta a imagem da vida  
D'este mundo d'illusão!  
Se cogitas van chimera,

Que t'enrede o coração,  
Pensa na sorte da flôr  
A' qual eu fiz illusão.

Funchal—Ilha da Madeira,  
28-3-917.

# A lenda de Bir-Sabá

POR EDUARDO DE NORONHA

**C**ONHECENDO este pormenor por Anfir, Yafur entrou pela fresta e depôz a mensagem do rei no seio da rainha, que dormitava.

—Ama-me! Ama-me! O meu sonho ama-me—canta Bilkisse ao despertar. Corre a abrir todas as suas portas, precipita-se para as suas candelarias, sobe aos seus celleiros, reúne a sua côrte, e dá tantas ordens e contra-ordens que toda a gente perde a cabeça.

—Quero deslumbrá-los—rejubila a rainha—com as minhas riquezas e o meu poderio!

E organiza e desorganiza caravenas.

Enfim o cortejo parte, constituído por leões, avestruzes, macacos, donzelas, donzeis, ataviados com os mais bellos enfeites e levando cada um á cabeça um bloco de ouro e outro de prata. Atraz caminhavamos “navios do deserto”, balançando nas querenas dos seus flancos mais aromas que todos os transportados da Ophir, pelas frotas de Salomão, durante quarenta annos.

A poupa que assistiu aos preparativos avisou o rei. Salomão mandou logo construir uma estrada calçada de blocos de ouro e de prata da dimensão das calçadas de Sabá. Afim de persuadir os yemenitas que esta via datava de muito tempo, ordenou que tirassem aqui e acolá, um ou outro bloco.

Ora, quando os escravos se acercaram e viram qual o uso que nos dominios de Salomão se fazia do precioso metal e que lobrigaram os buracos da estrada, murmuraram:

—Vão accusar-nos de ter roubado os nossos blocos da estrada do rei.

E sacudindo-os da cabeça, encheram os vazios e fugiram.

Informada de tudo isto, Bilkisse poz-se a caminho, monologando:

Quero que me ame só por assim.

E vestiu, por unico traje, o comprido e solto roupão da beduinas.

Entretanto, os *chaitans*, ciumentos com o amor de Salomão pela rainha de Sabá, aconselharam-lhe a maravilhasse com um palacio de crystal—o vidro e o crystal eram desconhecidos na Arabia—e que fizesse passar por baixo do sobrado transparente as aguas de um poço que tinha feito nascer, e que n'essa epoca do anno, corria como um rio.

A rainha chega. Julgou vendo essas ondas que devia atravessar um *ued*-arroio—e com um movimento brusco, levanta talvez um nada mais o seu amplo vestido. E toda a gente divisa, um pouco acima do tornozêlo, alguns cabellos. De bocca em bocca, toda a corte segreda:

—Tem cabellos no tornozêlo.

Os *chaitans*, satisfeitos com o resultado do seu ardil, pretenderam mesmo que a rainha tinha como elles, os pés bipartidos e que a soberana dos aromas cheirava a qualquer animal immundo.

Salomão tambem vira. O coração deu-lhe um baque. Mas já Bilkisse se aproximava sorrindo. O rei monologou.

O casamento realizava-se nessa mesma tarde.

Durante uma lua inteira, Salomão e Bilkisse amaram-se no seu palacio do crystal, junto do poço que tomou o nome da sultana. Depois separaram-se. Salomão voltou para a sua cidade de Jerusalem, e Bilkisse para os seus jardins da Arabia. Mas a lenda quer que todos os annos fossem passar trez dias em Bir-Sabá.

Da primeira vez que se tornaram a encontrar, depois do casamento, Salomão disse gracejando para Bilkisse:

—Lembras-te do teu medo quando entraste no meu palacio?

—Lembro-me—retorquiu a rainha—mas tu não decifraste o enigma que te apresentei nessa noite.

E a rainha, aconchegando-se ao coração do marido, fazia-se muito pequenina. . .

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

## Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo a'gum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos meliores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

**BRAGA**—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

**NO PORTO**—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Copoda Guarda, 19 a 21.

## Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhado

47—Rua da Fabrica—49

**PORTO**

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informaçes

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

## TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor na Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos; com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**